

A FILOSOFIA DO PONTO DE VISTA

CONTRADIÇÕES profundas separam os homens de hoje e os atiram uns contra outros. De toda a parte chegam rugidos de vingança e lamentos tormentosos de inocentes. Trabalhada impiedosamente por desavenças corrosivas e titânicas, a humanidade dilacera-se e destroi-se.

E' esta a herança pavorosa do homem de hoje. Não podemos aceitá-la com resignação fatalista, como um destino atroz de que não possamos libertar-nos, nem somos suficientemente acomodaticios para levar ao calvário a cruz em que nos imolem.

Porque é a nossa própria vida que entra em jogo, o nosso interesse pela sociologia não se limitará de modo algum ao aspecto cultural dos problemas, ao dilettantismo da erudição ou dos torneios de ideias. Estudamos a história dos nossos dias com a mesma paixão com que dia a dia lutamos pela vida. As explicações e as soluções que nos dão os homens representativos da época anterior à nossa, não as olhamos apenas como documentos históricos mas verdadeiramente como questões pessoais, coisas que dizem respeito mais a nós, ao nosso futuro, do que à existência (quasi no ocaso) dos seus autores.

Foi com esse espírito que relêmos «A Técnica e as Transformações Sociais Contemporâneas», obra publicada pelo Sr. engenheiro Cunha Leal em 1933. De tudo o que nesse livro nos impressionou, pela sua extrema ingenuidade e inadaptação à nossa época, o próprio prefácio é já bem significativo.

Para que melhor pudéssemos imaginar a sua posição (vá lá) filosófica perante os problemas dos nossos dias, serve-se o Sr. Cunha Leal—aproveitando uma conferência dum tal Sr. doutor Germano da Costa Rocha («uma das mais cintilantes mentalidades portuguesas») —duma imagem extraordinariamente descabida e infeliz.

«... imaginou o caso de dois observadores que, postos em face duma esfera, mas em pontos diferentes, sustentassem—um que estava pintada de branco, o outro que estava pintada de preto. Cada um destes homens poderia consumir a vida inteira a garantir convictamente a falsidade da afirmativa do seu contrário, desde que partissem da hipótese de que a verdade de um teria de excluir a verdade do outro». E um pouco depois acrescenta o Sr. Cunha Leal: «Conclusões aparentemente diversas, tiradas de pontos de vista diferentes, não se opõem, antes se completam. Se as coisas da vida fossem olhadas por este prisma, os homens, nas suas relações sociais, seriam necessariamente mais indulgentes. Desapareceriam os possuidores duma verdade intangível para surgirem em seu lugar os portadores de aspectos parciais da mesma verdade global».

Ai de nós, Sr. Cunha Leal! «Os homens, nas suas relações sociais» não são divididos por «pontos de vista», são divididos pela vida, pela economia, pela história. Não é uma diferença de pontos de vista que nos separa, mas realidades históricas, contradições profundas da orgânica actual da sociedade. Quando o Sr. Ford dos automóveis afirma que «o salário é o lucro do trabalho e o lucro é o salário do capital» ou que o resultado do seu sistema de trabalho em cadeia é «reduzir para o operário a necessidade de pensar» —não é de pontos de vista que se trata, é dos interesses do Sr. Ford, dos interesses da sua classe. Se «cada um... procura desconhecer ou esmagar as correntes de opinião contrárias à sua» isso não é «consoante o ponto de vista em que se coloca» mas consoante os seus interesses, consoante o grupo humano a que pertence por virtude das relações de carácter económico que mantém com os outros homens.

O nacional-socialismo, internacional-socialismo, internacional-capitalismo e nacional-capitalismo não são «quatro pontos de vista», «quatro partes iguais» duma esfera, com um homem em frente de cada uma, convencido de que a esfera só tem a côr da parte que lhe fica em frente. Tal imagem só nos pode conduzir à suposição de que as lutas que nos dividem são apenas faltas de lógica, faltas de espírito crítico, «posições ideológicas absurdas por ser muito limitado o seu (do homem) campo visual». Mas as posições ideológicas absurdas derivam dos absurdos da própria história, das *contradições da sociedade* e não, valha-nos S.to António, dos «campos visuais» dos homens. Ou será por uma questão de pontos de vista ou campos visuais que os mendigos pedem esmola?...

A nossa inquietação perante a vida moderna não «traz logicamente a fraca claridade das ideias». Quem nos dera que assim fosse, que a inquietação bem depressa se desvanecia. Mas a nossa, Sr. Cunha Leal, só se desvanece quando a humanidade estiver bem segura, do pão de amanhã. O próprio Sr. C. L. que a páginas IV do seu livro afirma que «A época contemporânea teve o mau sestro de lançar nos espíritos enorme inquietação, que traduz logicamente a fraca claridade das ideias», não pode esconder a páginas XIII que «Toda esta funda agitação é a resultante lógica da aceleração formidável dos progressos da técnica...». Como se vê a «fraca claridade das ideias» acaba por ser designada como «aceleração formidável dos progressos da técnica».

O Sr. C. L. é de resto contradictório em todo o livro. Assim, se a páginas XIII nos diz que se enganam quantos pensam que «estamos assistindo à definitiva derrocada dos princípios da economia clássica»; que «Os princípios não foram atingidos na sua essência, mas, em compensação, variou fundamentalmente o quadro geral das operações económicas», já a páginas 16 se expressa assim: «Não merece a pena discutir o caso à luz dos princípios sedícios (sic), embora muito respeitáveis, do liberalismo económico».

Mas nós não podemos concluir com o Sr. C. L.: «De modo que importa estabelecer uma regra moral para a selecção de um entre todos os pontos de vista considerados como possíveis». Não são os pontos de vista, não é pois a sua selecção por intermédio de regras morais, que nos interessa. Não queremos chegar a uma *conclusão teórica*, mas a uma *solução prática* e se os problemas da técnica e das transformações contemporâneas nos interessam, não é para terminarmos o seu estudo desta maneira idealista e impotente como C. L. o faz: «Eis o drama da nossa consciência».

«São vão os nossos esforços? Não o sabemos. Ninguém pode sabê-lo...»

Não podemos terminar assim porque temos dos problemas uma visão concreta e não simplesmente o amor das curiosidades económicas. A nós, como ao autor, «Não nos aberra o futuro nos seus aspectos materiais». A ele porém o futuro apavora-o «pelo facto de poder destruir tudo quanto em nós ainda haja de equilíbrio ideológico, para em seu lugar nos deixar maiores dúvidas, maiores incertezas, maiores contradições». A nós, porém, não nos apavora a questão do equilíbrio ideológico. Temos a consciência de que se os aspectos materiais do amanhã não tiverem nada que nos deminha, o desequilíbrio ideológico de hoje será superado no equilíbrio que nós construiremos. Mas para isso temos de pôr de parte os «pontos de vista» e os «campos visuais», todos os fantasmas duma interpretação idealista da história, e intervir decisivamente nas realidades do nosso tempo em lugar de ficarmos de paspalhões em frente duma esfera furta-côres.

PEDRO VILAR

(Continuação da página 4)

CRONICA MENSAL

absorvido pela Alemanha. As bacias mineiras do Sarre e do Ruhr voltam às mãos da indústria pesada germânica. A Itália realiza-se cada vez mais como autarquia, sobretudo a partir da guerra da Abissínia.

A nova guerra aparece como a guerra dos blocos autárquicos contra a liberdade de comércio que fizera a grandeza da Inglaterra, da França, dos Estados Unidos. Não é uma pura oposição entre «democracias» e «estados totalitários». «Barreiras aduaneiras, restrições mercantis, instabilidade das tarifas, tal tem sido o problema capital da nossa época». O bloco germânico fóra tão longe que o próprio Paul Reynaud declara: «E' pois um país vencedor que é necessário vencer hoje». Por isso Chamberlain se refere ao «sistema demasiado espalhado do «bilateralismo», das vantagens da discriminação levadas ao extremo, «sistema que entrava as rodagens do comércio e levava descontentamento entre as nações». Por isso o «Times»,

em editorial de 25 de Novembro (segundo o último «Le Mois») rende homenagem à Organização Internacional do Trabalho, «que fez mais do que elaborar um código industrial: criou e desenvolveu o sentido da interdependência económica acima das fronteiras nacionais e a-pesar-da concorrência dos mercados mundiais». Por isso o «Berliner Boersen Zeitung» diz que «O consórcio franco-britânico pretende escravizar o mundo aos seus monopólios económicos e à sua ditadura de preços». Por isso Gayda escreve no «Giornale d'Italia»: «A abstenção da Itália do presente conflito só se pode explicar política e não economicamente». Por isso se fala nas riquezas «ineploradas e desperdiçadas» do mercado russo.

Esta é pois uma guerra económica de carácter imperialista. Surge uma outra que é uma guerra económica de carácter ideológico e social. Do modo como se estabelecer a intercepção destas duas guerras depende o futuro dos homens.

OCTAVIO NEVES